

## **PASSADOS-PRESENTES ENTRE *PAPEIS VELHOS*: AVENTURA ANACRÔNICA EM UM CONTO DE MACHADO DE ASSIS**

**Humberto Amorim**

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

**Resumo:** O artigo propõe uma visita ao conto *Papeis Velhos*, de Machado de Assis (1839-1908), com a esperança de suscitar um confronto (ou uma aventura, quem sabe) do tempo diante de suas dimensões histórica e humana. Percorrendo (de passagem) o pensamento de filósofos como Kant e Nietzsche, o texto tenta vislumbrar como, a partir das teias e tramas do bruxo, podemos eventualmente ser lançados a olhar anacronicamente as relações entre passado, presente e futuro, quebrando uma lógica temporal meramente linear, fatalista ou evolutiva. Passados são presentes? São futuros? O nariz apartado do corpo está vivo? Longe de oferecer respostas, a aventura sugere que Machado, quatro décadas antes de Walter Benjamin, talvez já estivesse imerso na urgente tarefa de explodir o *continuum* da história.

**Palavras-chaves:** Papeis Velhos. Contos de Machado de Assis. Passado-presente-futuro.

O bojo do presente ensaio foi construído a partir das discussões suscitadas na disciplina de Historiografia Literária, matéria que integra o quadro de disciplinas obrigatórias do curso de Língua Portuguesa e Literaturas (Bacharelado), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Sob a orientação da professora Dr.<sup>a</sup> Lúcia Riccota, uma das propostas dos encontros logo me arrebatou: interseccionar parcelas da produção literária de autoras e autores brasileiros – como Machado de Assis (1839-1908) – com perspectivas diversas em torno dos tempos histórico e humano, conversando com os escritos e escrituras de filósofos como Kant, Nietzsche e Benjamin.

Da fagulha, logo surgiu uma inquietude: que *constelações heterogêneas* não poderiam ser imaginadas a partir da aproximação (ou distanciamento) dos pensamentos de tais autores literários e filosóficos. Por sua vez, a inquietação se transformou em uma proposta de trabalho final para a disciplina: ao explodir o *continuum* da história em um de seus mais celebrados contos – *Papeis Velhos* – Machado não teria antecipado a proposição de Benjamin décadas antes, tornando este último um de seus leitores mais argutos (ainda que jamais tenha aberto quaisquer de seus livros)?

Desafiadora, tal proposta também me pareceu conectada a uma das aventuras a que se propõe a linha editorial da Revista: “Retirar da gaveta esses trabalhos e colocá-los em circulação para que sejam lidos, vistos e reconfigurados é

a nossa principal tarefa como princípio formativo que se reforça na troca de conhecimentos”, propondo “aberturas muito singulares entre pensamento científico e formas de criação”.<sup>1</sup> Daí surgiu a ideia de adaptar o trabalho original ao formato de um artigo ensaístico.

A aproximação do texto com a perspectiva editorial da Revista, portanto, talvez possa se dar em múltiplos sentidos:

- 1) A conexão propositiva, ética e conceitual, através do compromisso de tentar desdobrar e/ou deslocar o pensamento e fazê-lo circular;
- 2) A conexão temática, e não somente em relação a um olhar sobre a condição espiralada do tempo (ou dos tempos), já que o título da Revista – *da Gaveta* – também guarda uma aproximação estreita com a temática do conto de Machado, que articula as suas dobras imaginativas a partir das inquietudes de um político que abre justamente as gavetas de sua mesa de trabalho e começa a revirar (e a reviver) documentos antigos;
- 3) E a conexão afetiva, sobretudo, já que se trata de uma edição comemorativa, restrita à submissão de alunas e alunos/ ex-alunas e ex-alunos da Escola de Letras da UNIRIO, publicada no último semestre em que ainda sou oficialmente estudante do curso e tenho a chance de expressar, por dentro e de dentro, o amor construído e cultivado por mim (e em mim) através das tantas pessoas especiais com as quais convivi nos últimos cinco anos nos corredores, salas e jardins da Universidade. E o amor é assim, uma força-viva.

Não deveríamos temer o sono mais profundo, que é também uma espécie de despertar: “Já não conhecíamos a agulha em que a Bela Adormecida se picou, para mergulhar num sono de cem anos.” (BENJAMIN, 2013a, p. 109). Ciência e amor não necessariamente precisam se apartar. E a linguagem científica, eventualmente, pode mesmo caminhar de mãos dadas com o afeto. É provável que não aparente, mas tal inferência é intimamente relacionada com a proposta deste artigo, uma tentativa de compreender uma parcela do pensamento de Machado de Assis às voltas de um *relógio sem ponteiros*.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.revistadagaveta.com.br/>  
Acesso em 18 jan. 2021.

Em seu ensaio *Passados Presentes*, o crítico alemão Andreas Huyssen sugere que a “memória é ativa, viva, incorporada no social, isto é, em indivíduos, famílias, grupos, nações e regiões” (HUYSSSEN, 2000, p. 36). Se partirmos da suposição de que a matéria-prima da memória é o *passado*, não seria possível alargar a proposição de Huyssen e desdobrar o seu questionamento original: o *passado*, como dimensão histórica, não seria instância viva, ativa, sempre potencialmente imersa em uma espiral produtora de novos sentidos? E se o for, não o seria mesmo antes da própria memória? Em outras palavras, será que o ontem não pode ser melhor (ou pior) hoje? Ou estaríamos todos condenados a um olhar imutável sobre o passado, tal qual o experimentado pelos personagens da Ilha de Morel<sup>2</sup>?

Uma das possíveis questões suscitadas pelo conto *Papéis Velhos*, de Machado de Assis, parece atravessar tais questões. Publicado originalmente pela Editora Garnier na coletânea intitulada *Páginas Recolhidas* (ASSIS, 1899), o texto gira em torno de Brotero, um deputado que se encontra duplamente frustrado na vida: primeiro, por ser preterido ao cargo de ministro que pleiteava e que contava como certo; depois, por constatar que aquele que assumiria a almejada vaga no ministério era, ainda, o homem eleito para se casar com seu amor platônico, a viúva Pedrosa.

Segundo a pesquisadora Ana Lúcia Branco, esta obra pode ser vertida ao lado de uma série de contos (*A Senhora do Galvão*, *Capítulo dos Chapéus*, *Diplomático*, dentre outros) nos quais Machado traça uma “observação da vida mundana e familiar, alicerçada sobre o patamar do status e do olhar do outro” (BRANCO, 2009, p. 14). Todavia, no caso específico de *Papeis Velhos*, o bruxo parece ir além, suscitando um debate mais profundo sobre o tempo como dimensão histórica e humana.

Diante da dupla derrocada e dos relógios externos e internos martelando de forma renitente a sua cabeça, Brotero é instigado a escrever uma carta de renúncia, endereçada ao futuro ministro, na qual abria mão de sua “cadeira de deputado a algum mais capaz”. Consumado o fato, o gesto da escrita deixa um rastro sobre o qual a personagem abre a gaveta da mesa e se lança na aventura de reler cartas antigas. A partir daí, Brotero parece se debruçar em torno de outro problema: como se posicionar diante do passado (ou melhor, de *um* passado)?

---

<sup>2</sup> Referência ao romance *A Invenção de Morel*, de Adolfo Bioy Casares (2006 [1940]).

O passado-tempo é um composto de diversas e dissonantes vozes. Por vezes, tais ecos ressoam como um brado opressor: “Brotero começou a sentir esse outro gênero de mortificação. As três pancadas secas, cortando o silêncio da noite, pareciam-lhe as vozes do próprio tempo, que lhe bradava: Vai dormir”. Estamos diante de uma dimensão histórica do tempo que silencia na mesma medida em que se quer silenciada. Em duplo movimento, monstro adormecido e adormecedor: *Vai dormir*. Não é à toa que, ainda no século XVIII, o filósofo alemão Immanuel Kant tenha proposto, em sua *Crítica da Razão Pura* (1989 [1781]), que o peso do passado fosse suavizado. Dele, seriam filtrados apenas os fatos dignos de serem revelados e lançados, por um filósofo, a um futuro ideal.

O problema é que Brotero não dormiu...

E, tal como ele, o passado não dorme.

Com a insistência em debater-se (corpo e pensamento) sobre e entre os cômodos da casa (especialmente à mesa do gabinete), a carta dirigida ao presidente do conselho de ministros também não dorme: o papel deixa-se manchar, implícita e explicitamente, com as inquietas<sup>3</sup> queixas pela perda - em um só golpe - do cargo e do amor da viúva Pedroso. A carta finda, mas as memórias continuam a assombrá-lo como um cadáver fantasmagórico:

Entrou a andar de um lado para outro, passeando, planeando, lembrando. De memória em memória, reconstruiu as ilusões de outro tempo, comparou-as com as sensações de hoje, e achou-se roubado. Voluptuoso até na dor, mirou afincadamente essas ilusões perdidas, como uma velha contempla as suas fotografias da mocidade. Lembrou-se de um amigo que lhe dizia que, em todas as dificuldades da vida, olhasse para o futuro. Que futuro? Ele não via nada.

Embora sem o dizê-lo explicitamente, o refinamento da narrativa de Machado acabar por colocar uma dinamite iminente no *continuum* da história desenhado por Kant: de memória em memória, só seria possível reconstruir o passado como ilusão (“as ilusões de outro tempo”). Brotero nos coloca diante da perspectiva de que não há como formar uma linha do tempo contínua sem que nos sintamos roubados ou que, em contrapartida, seja necessário *roubar* a história para sustentar um passado ideal que só existe num desejo.

Assim, se pensarmos com Kant diante de uma realidade *viva*, o furto é inevitável: ou somos roubados pelo passado-presente ou o roubamos como

---

<sup>3</sup> A crítica e a crise, tão necessárias e irmãs da inquietude...

totalidade inviável de um passado-passado. E o que dizer do futuro? Bem, é o próprio Brotero quem problematiza: “Que futuro”? Ele nada enxergava diante do caos no qual estava imerso.

Deste modo, a dimensão kantiana do presente como uma *não existência* que apenas se consuma como desenvolvimento de uma finalidade já determinada no passado, marcada ainda pela ideia de evolução, progresso e desenvolvimento que se consumará em um *não é ainda* futuro, parece não se sustentar diante das ações e elucubrações de Brotero.

Entretanto, o gesto mais anacronicamente demolidor da personagem ainda estava em estado de *porvir*: a abertura da gaveta sobre a qual estavam guardadas vetustas cartas de amigos, amores e correligionários políticos: “Já agora não podia conciliar o sono; ia reler esses papéis velhos. Não se releem livros antigos?”

É emblemático que o verbo escolhido por Machado tenha sido o *reler*, não meramente o *ler*. Parece sugerir, com isso, que o problema da releitura é distinto daquele auferido e oferecido pela leitura (seja ela a leitura primeira ou a leitura anterior, uma vez que, seguindo a lógica de Machado, seria possível realizar não somente uma releitura da leitura, mas também uma releitura da própria releitura).

Mas, afinal, o que fazer diante das missivas “encardidas do tempo”, com aspecto geral “de cemitério” e imersas num “mar morto de recordações apagadas”?

São os gestos seguintes de Brotero que parecem aproximá-lo da abordagem do (e sobre o) tempo de Nietzsche, especialmente em sua *Segunda Consideração Intempestiva: sobre a inutilidade e os inconvenientes da história para a vida* (2003 [1874]): não seria a partir da força viva do presente que se pode olhar para o passado? Ou ainda, com o verbo escolhido por Machado, *relê-lo*?

Ao resgatar nas gavetas empoeiradas do tempo o seu antigo amor por outra personagem - L..., ora evidenciado nas trocas de cartas com o amigo-confidente Vasconcelos, Brotero relê a aventura que, entre o flerte, a aproximação, a vivência, a crise e, finalmente, a separação, durara dez meses. Na última das missivas, sobressalta-se com um “calafrio do ridículo evitado”: no auge da crise, chegou mesmo a considerar o suicídio.

Enquanto guardava as cartas, propôs-se ainda ao intrigante exercício de tentar “reaver a sensação perdida”. Seria possível resgatar aquele

sentimento-sensação que, em sua radicalidade, havia o instilado à ideia de tirar a própria vida?

A resposta de Brotero é também um postulado sobre a incapacidade histórica de restituição literal de um passado global e totalizante (ou seja, o passado tal qual o foi um dia). Defrontado de tal forma, sua imagem não poderia ser outra que não a de um nariz arrancado do corpo no campo de batalha. Nariz, portanto, que já não é como antes, mas - agora - mero cadáver de si próprio:

Imaginal um soldado a quem uma bala levasse o nariz, e que, acabada a batalha, fosse procurar no campo o desgraçado apêndice. Suponhamos que o acha entre um grupo de braços e pernas; pega dele, levanta-o entre os dedos, — mira-o, examina-o, é o seu próprio... Mas é um nariz ou um cadáver de nariz? Se o dono lhe puser diante os mais finos perfumes da Arábia, receberá em si mesmo a sensação do aroma? Não: esse cadáver de nariz nunca mais lhe transmitirá nenhum cheiro bom ou mau; pode levá-lo para casa, preservá-lo, embalsamá-lo; é o mesmo. A própria ação de assoar o nariz, embora ele a veja e compreenda nos outros, nunca mais há de podê-la compreender em si, não chegará a reconhecer que efeito lhe causava o contacto da ponta do nariz com o lenço. Racionalmente, sabe o que é; sensorialmente, não saberá mais nada.  
'Nunca mais? pensou o Brotero. . . Nunca mais poderei . . .'

Diante da conclusão de Brotero, é mais factível perceber como a dimensão do passado, hoje, já não *era*, mas *é*. Só pode ser, conseqüentemente, o que a força viva do presente o permite e/ou o suscita ser. Machado, neste sentido, faz de Nietzsche seu discípulo e, de certa forma, também prepara o terreno para que Benjamin articulasse o tempo histórico não dentro de uma perspectiva passado-presente-futuro, mas vertido como imagem inserida na instância da própria historicidade humana.

Não poderia haver, de tal modo, um *continuum temporal*, apenas uma dimensão imagética do tempo a permitir que o *ser* histórico encare o passado como algo atualizado (a releitura) em *um presente saturado de agoras* e sobre o qual ele se projeta (e é projetado) com potencial força revolucionária: são os sonhos não realizados, as promessas não cumpridas, os desejos não feitos, tudo aquilo que Brotero encontrara em suas gavetas e que, naquele instante, relidos, não passavam de narizes apartados de corpos febris e em guerra.

A proposta inicial do ensaio foi a de vislumbrar se Machado de Assis não teria antecipado, em décadas - e por outras chaves de pensamento -, o empenho de Walter Benjamin em explodir o *continuum* da história. É intrigante pensar que, bem

antes do conceito de *paragem messiânica do acontecer*<sup>4</sup> (BENJAMIN, 2013b [1940], p. 19), Machado já delineava, nos gestos de Brotero, uma ação revolucionária que visava libertar, no *instante-já*, não somente um passado e um futuro oprimidos, mas também um (seu) próprio presente:

Não podendo obter a sensação extinta, cogitou se não aconteceria o mesmo à sensação presente, isto é, se a crise política e pessoal, tão dura de roer agora, não teria algum dia tanto valor como os velhos diários, em que se houvesse dado a notícia do novo gabinete e do casamento da viúva. Brotero acreditou que sim. Já então a arraiada vinha clareando o céu. Brotero ergueu-se; pegou da carta que escrevera ao presidente do conselho, e chegou-a à vela; mas recuou a tempo. 'Não, disse ele consigo; juntemo-la aos outros papéis velhos; inda há de ser um nariz cortado.'

Um tempo que já não se encerra e nem se dita pelo mapa único e linear dos ponteiros fixos. Como subversivamente pondera um anacrônico Machado (bem antes de Nietzsche e Benjamin): “a divergência dos relógios é o princípio fundamental da relojoaria”.

## Bibliografia

- ASSIS, Machado. *Páginas Recolhidas*. Rio de Janeiro: Editora Garnier, 1899.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única: infância berlinense*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013a.
- BENJAMIN, Walter. *Sobre o Conceito da História* [in: *O Anjo da História*]. 2ª ed. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013b.
- BRANCO, Ana Lúcia. Um mestre de (in)tensões: a respeito de um conto de Machado de Assis. In: *Palimpsesto* (Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ). Rio de Janeiro, n. 8, ano 8, p. 1-17, 2009.
- CASARES, Adolfo Bioy. *A Invenção de Morel*. São Paulo: Cosac Naify, 2006 [1940].
- HUYSSSEN, Andreas. *Passados presentes*. In: *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

---

<sup>4</sup> “[...] ou, por outras palavras, o sinal de uma oportunidade revolucionária na luta pelo passado reprimido” (BENJAMIN, 2013b [1940], p. 19).

NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda Consideração Intempestiva: sobre a inutilidade e os inconvenientes da história para a vida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003 [1874].